

ANA CARMEN PALHARES & MOISÉS DE LEMOS MARTINS

anacarmenpalhares@gmail.com; moiseslmartins@gmail.com

UNIVERSIDADES DO MINHO E UNIVERSIDADE DE  
AVEIRO; UNIVERSIDADE DO MINHO

## MORTE E PODER NA OBRA DE GIL VICENTE: UMA APRESENTAÇÃO DA SÉRIE *INIMIGOS* (2005-2010)

### MORTE AOS INIMIGOS DE GIL VICENTE

Gil Vicente Vasconcelos de Oliveira, nascido em 1958, é artista plástico, vive e atua na cidade do Recife, Pernambuco, Brasil. Em sua obra, *Inimigos*, 2005, produziu uma série de 10 desenhos à carvão sobre papel, em grandes dimensões, 200cm x 150cm, nos quais o artista aparece empunhando uma arma em direção a dez personalidades do cenário político internacional. Gil Vicente *não manda recados*, é ele próprio o autor de cada sentença.

As mortes encenadas na obra desse artista plástico brasileiro, para além de representarem ameaças pungentes de termo à vida de figuras políticas de nossa atualidade, encenam um desejo latente de dar um basta às representações de poder ali contidas. As personalidades escolhidas simbolizam uma civilização que tem a violência em seu enredo e que dela faz uso, nas suas mais diversas formas, para a prática do exercício do poder que lhes fora atribuído. Poder político, religioso e divino, econômico, poder de paz e de guerra.

E é contra esse poder, que nos parece se rebelar o artista Gil Vicente. Na sua palavra desenhada ele encerra a autoridade daqueles que já não o representam. Perplexo diante desse cenário de uma ordem mundial que beira o caos, o artista explode, enraivece-se, desilude-se e, numa atitude desesperada, empunha do carvão negro e joga no alvor do papel o seu grito de “basta!”.

A apresentação da série é grandiosa, impressionante pelas suas dimensões, 2m x 1,5m e pelo realismo das suas imagens. O artista fez seus desenhos na proporção de 1 x 1, com o propósito de torná-los “o mais realístico possível”. E por meio de todo o aparato *mass* mediático, os desenhos de Gil Vicente tornam-se, eles próprios, em simulacros (Baudrillard, 1991).

Simulações hiper-reais de nossa realidade encenada na obra do artista e que ganharam imenso destaque e glamour ao serem exibidas na 29ª Bienal Internacional de São Paulo, em 2010.

A exposição que havia sido inaugurada na cidade do Recife, em 2005, e já havia circulado por outras capitais brasileiras, causou furor ao estrear na 29ª Bienal SP, uma das maiores exposições mundiais de Arte Contemporânea. Além de ocupar grande destaque nessa vitrine internacional, dada as proporções realísticas de seus desenhos, a série foi alvo de uma ação da Ordem dos Advogados do Brasil, seção São Paulo (OAB/SP), que exigiu dos curadores da Bienal, a retirada da obra por se tratar de uma “apologia ao crime”. A solicitação não foi cumprida. A obra permaneceu e foi grande sucesso de visitação e obteve repercussão nos media no Brasil e fora dele.

Ao mesmo tempo em que a morte pode significar o momento último de uma vida, pode ser também o desfecho de uma narrativa. A finitude de uma vida não se encontra apenas no termo de sua função vital mas naquilo que ela encerra consigo. Poder político, econômico, religioso, “divino”, poder de guerra e paz. E o poder de encerrar com todos esses poderes, eis o poder do artista. Dez figuras políticas e um só executor, Gil Vicente. George Bush de joelhos, Lula barbarizado, Ariel Sharon aos pés do artista. Todos subjugados, atados, indefesos. E, de carvão em punho, Gil Vicente não poupou os líderes locais, ex-governadores de Pernambuco, estado natal do artista, também foram alvos de sua decepção. O ideal democrático veio abaixo e o artista perdeu a esperança.

O que nós nos propomos agora é um passeio virtual pelas obras desse autor. Em sua série *Inimigos* avistamos um cenário apocalíptico no qual o artista declara o fim de uma ilusão. Cenário este em que as grandes instituições de poder já não mais o representam. E o que pode a Arte nesse contexto Contemporâneo? Se a política da Arte se dá por meio de sua livre expressão e se esta expressão nos leva à indícios de perversidade, de desvios e sinuosidades, e de expressa violência, também nos traz a leveza poética do artista que aposta no preto e branco, na intimidade do papel e na possibilidade do carvão, para nos apresentar o fim de uma ilusão. Em preto e branco, Gil Vicente expressa a sua “inquietação interior” (Vicente, 2010), que ainda permanece.



“Na verdade todas as teorias políticas tendem a propor-se como projectos de controlo de mundo, sejam elas liberais, marxistas ou anarquistas” (Miranda, 1997, p. 18)



“Um não-sei-quê de bárbaro, primitivo, sanguinário, enfim, de não-racional, empesta-nos o ar” (Martins, 2002, p. 5)

Série 1: Auto-Retrato matando George W. Bush; Auto-retrato matando Ariel Sharon; Auto-retrato matando Lula da Silva, Gil Vicente, 2005, carvão sobre papel, 200cm x 150cm



“Não retratei todos eles já mortos porque não queria sangue nos meus desenhos. Então, preferi pegar a imagem de um instante anterior” (Vicente, 2010)

Série 2. Auto-retrato matando Fernando Henrique Cardoso,  
Gil Vicente, 2005, carvão sobre papel, 200cm x 150 cm



“Essas obras, mais do que revelar o desprezo do autor pelas figuras humanas que retrata como suas vítimas, demonstram um desprezo pelas instituições que tais pessoas representam, como também o desprezo pelo poder instituído, incitando ao crime e à violência” (D’Urso,2010)

Série 3: Auto-retrato matando Elizabeth II, Auto-retrato matando Bento XVI, Gil Vicente, 2005, carvão sobre papel, 150cm x 200 cm



“a percepção do risco, do perigo e da crise mantêm-nos em constante sobressalto e desassossego. Por outro lado, a sociedade vive em permanente flirt com a morte” (Martins, 2013, p. 112)



“Ruanda, Zaire, Nigéria, ex-Jugoslávia, Kosovo, Timor Lorosae, Palestina, Afeganistão – sempre os mesmos massacres, carnificinas, terrorismos suicidários. (...) o que é que pode, no entanto, a proposta de um ideal democrático?” (Martins, 2002, p. 6)

Série 4: Auto-retrato matando Ahmadinejad, 2010, Auto-retrato matando Kofi Annan, 2005, Gil Vicente, carvão sobre papel, 200cm x 150 cm / 150cm x 200 cm



“Perdi a inocência. Perdi totalmente e esperança de que pode haver um equilíbrio social bom, no Brasil” (Vicente, 2010)



Série 5. Auto-retrato matando Eduardo Campos, Auto-retrato matando Jarbas Vasconcelos, Gil Vicente, 2005, carvão sobre papel, 150cm x 200 cm

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Baudrillard, J. (1991). *Simulacros e Simulações*. Lisboa: Relógio d'Água.
- D'Urso, L. F. B. (2010, setembro). Nota Pública emitida pelo Presidente da Ordem dos Advogados de São Paulo (OAB/SP). Retirado de <http://www.oabsp.org.br/noticias/2010/09/20/6441>
- Gonçalves, A. (2009). *Vertigens. Para uma sociologia da perversidade*. Coimbra: Grácio Editor.
- Martins, M. L. (2013). O Corpo Morto: Mitos, ritos e superstições. *Revista Lusófona de Estudos Culturais*, 1, 109-134.
- Martins, M. L. (2002). O Trágico na Modernidade. *Interact - Revista Online de Arte, Cultura e Tecnologia*. Retirado de [www.interact.com.pt/memory/interact5/ensaio3.html](http://www.interact.com.pt/memory/interact5/ensaio3.html)
- Miranda, J. A. (1997). *Política e Modernidade: Linguagem e violência na cultura contemporânea*. Lisboa: Edições Colibri.
- Vicente, G. (2010, setembro). Entrevista com Gil Vicente. *Revista Veja*. Retirado de <http://veja.abril.com.br/noticia/entretenimento/gil-vicente-comemora-a-repercussao-gerada-com-a-oposicao-da-oab>

### Citação:

Palhares, A. C. & Martins, M. L. (2016). Morte e poder na obra de Gil Vicente: uma apresentação da série Inimigos (2005-2010). In M. L. Martins; M. L. Correia; P. Bernardo Vaz & Elton Antunes (Eds.), *Figurações da morte nos média e na cultura: entre o estranho e o familiar* (pp. 267-274). Braga: CECS.